

**MODALIDADES DA APROPRIAÇÃO DO DISCURSO DE OUTREM EM ARTIGOS CIENTÍFICOS:
COMPARAÇÃO DE DUAS ÁREAS DO CONHECIMENTO**

**MODALITIES OF APPROPRIATING THE DISCOURSE OF OTHERS IN
SCIENTIFIC ARTICLES:
COMPARISON OF TWO AREAS OF KNOWLEDGE**

DOI 10.20873/uf2179-3948.2023v14n2p229-253

**Bertrand Daunay¹
Juliana Alves Assis²**

Resumo: Um dos aspectos que remetem à construção da autoria no discurso científico remete às modalidades de relação entre o discurso de outrem e o do escritor. Trataremos tal questão de forma a identificar o grau de autonomia ou de dependência enunciativa das palavras do escritor e de outrem em artigos científicos. Mais particularmente, nosso objetivo é comparar duas áreas de conhecimento – Saúde e Educação – para identificar semelhanças e diferenças entre elas no que tange às modalidades enunciativas da inserção do discurso de outrem. Os resultados encontrados oferecem pistas que podem contribuir para a identificação das características genéricas dos discursos científicos.

Palavras-chave: discurso científico; discurso de outrem, modalidade enunciativa.

Abstract: One of the aspects that refer to the construction of authorship in scientific discourse concerns the modalities of relationship between the discourse of others and that of the writer. We propose to approach this issue considering the degree of autonomy or enunciative dependence of the writer's and the other's words in the texts of the scientific métier. More particularly, our goal is to compare different fields of knowledge – the areas of health and education – to identify similarities and differences between them regarding the enunciative modalities of the writer's insertion of other's discourse into his own discourse. The results found offer clues that contribute to the identification of the generic characteristics of the different scientific discourses.

Keywords: scientific discourse; other's speech; enunciative modality.

Introdução

¹ Doutor em Ciências da Educação, professor aposentado da Université de Lille, Departamento de Ciências da Educação e da Formação, Lille, França; bertrand.daunay@univ-lille.fr; bertrand.daunay@sfr.fr; <https://orcid.org/0000-0002-3169-8515>.

² Doutora em Linguística, professora da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – PUC Minas, Instituto de Ciências Humanas/Programa de Pós-graduação em Letras, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil; CNPq; Proc. 434902/2018-7; juassis@pucminas.br; <http://orcid.org/0000-0002-9383-4850>.

Um dos aspectos que remetem à construção da autoria no discurso científico diz respeito às modalidades de relação entre o discurso de outrem e o do escritor.³ Acerca dessa relação, lembramos o trabalho seminal de Volóchinov (2017), que, distanciando-se de uma abordagem meramente gramatical ou estilística da fusão de discursos (cf. SÉRIOT, 2010, p. 90), impõe uma visada sociológica para o fenômeno da transmissão do discurso alheio, uma vez que “o discurso transmitido (‘alheio’) e o discurso transmissor (‘autoral’) [...] existem, vivem e se formam somente nessa inter-relação e não isoladamente [...]. O discurso alheio e o contexto transmissor são apenas termos de uma inter-relação dinâmica” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 255).

A orquestração de vozes que caracteriza a escrita científica – trabalho de feição dialógica (BAKHTIN, 2003; VOLÓCHINOV, 2017), em que o escritor também responde às expectativas da comunidade discursiva (MAINGUENEAU, 1993) que ele integra – é, sobretudo, um modo de agir do escritor em relação tanto ao que ele próprio enuncia quanto ao que enuncia o autor que ele convoca para seu texto e com quem dialoga, condição que leva a uma espécie de disputa entre a força da voz do escritor e a força da voz do autor apropriado. Sabemos que essa questão do modo de, simultaneamente, manter a autonomia enunciativa do discurso de outrem e assimilá-lo concerne a todos os discursos, independentemente de sua forma e de sua origem. Entretanto, conforme assinalado por Assis (2018), em diálogo com Hyland (1999), ela adquire importância especial e especificidade na escrita científica, uma vez que o processo de construção de conhecimentos reconhecido em um domínio disciplinar depende de tais procedimentos.

Neste trabalho, propomo-nos tratar tal questão em uma perspectiva bem específica, de forma a identificar qual é o grau de autonomia ou de dependência enunciativa das palavras do escritor e de outrem em artigos científicos.⁴

Mais particularmente, nosso objetivo é comparar diferentes áreas de conhecimento para identificar semelhanças e diferenças entre elas no que tange às modalidades enunciativas da inserção do discurso de outrem pelo escritor em seu próprio discurso. Esperamos, assim, contribuir para a identificação das características genéricas dos diferentes discursos científicos.

³ Este artigo apresenta parte de pesquisa dos autores no âmbito de dois projetos internacionais: o Projeto Universal CNPq (2019-2021) “Escrita acadêmica/escrita científica: das formas de presença do autor, do outro, das áreas de conhecimento e seus domínios disciplinares” (dirigido por Juliana Alves Assis) e o Convênio CAPES-PRINT-UNESP (2019-2023), “Autoria em diferentes grandes áreas de conhecimento” (dirigido por Fabiana Komesu), em que estão envolvidas as duas universidades dos autores: PUC Minas e Université de Lille.

⁴ A maneira de tratar a questão deve muito aos princípios teóricos e metodológicos de pesquisas anteriores de Daunay (2020) e Daunay e Delcambre (2017), iniciadas no ambiente do Convênio CAPES-COFECUB “Discurso acadêmico na pesquisa e no ensino: questões em torno da apropriação da palavra de outrem”, coordenado por Juliana A. Assis e Sophie Bailly.

Para a consecução desse objetivo, escolhemos as áreas da Saúde e da Educação, que recobrem duas das três grandes áreas do projeto maior ao qual se vincula a presente pesquisa. Trata-se de um estudo exploratório, uma vez que não temos hipóteses preliminares: somente nos propomos explorar a diferença entre os textos de duas áreas quanto a uma característica discursiva (as modalidades enunciativas) que tem importância na caracterização genérica dos discursos.

Depois de descrito nosso quadro teórico (primeira seção) bem como nossa metodologia de constituição do *corpus* (seção 2) e do processo de análise (seção 3), apresentaremos e discutiremos os resultados da análise do *corpus* (quarta seção).

1 Quadro teórico

1.1 O discurso de outrem na literatura teórica

Assumindo uma visada dialógica do discurso (BAKHTIN, 2003; VOLÓCHINOV, 2017, 2019), estamos considerando que todo enunciado, independentemente da situação de enunciação em que se origine, guarda sempre relações com outros enunciados e, conseqüentemente, com outros discursos. Essa propriedade intrínseca ao funcionamento da linguagem tem, na esfera científica, formas de materialização reguladas e valorizadas pela comunidade discursiva científica, tendo em conta o papel das instâncias responsáveis pela produção, avaliação e/ou circulação do conhecimento científico (universidades, editoras, agências de fomento à pesquisa, etc.).

Como sabemos, a questão da apropriação do discurso alheio se refere a um problema mais específico de “heterogeneidade mostrada”, nos termos adotados por Authier-Revuz (1982), Em Proposta Que Se Alimenta Da Perspectiva Dialógica (BAKHTINE, 1978; VOLÓCHINOV, 2017) ou do “discurso representado”, conforme descrito pela Théorie scandinave de la polyphonie linguistique – ScaPoLine (NØLKE; FLØTTUM; NORÉN, 2004), tributária da “teoria polifônica da enunciação” (DUCROT, 1987).

No campo dos estudos sobre a escrita científica, têm ganhado saliência trabalhos que, na contramão de um modelo universalizante de ciência, assumem a heterogeneidade das e nas práticas científicas, dando visibilidade a modos de dizer provenientes de distintas áreas de conhecimento, de diferentes níveis de estudo ou culturas linguísticas. Muitos deles elegem a relação com o discurso de outrem como objeto central (dentre outros, além de nossos próprios: HYLAND; JIANK, 2018; FISCHER; GRIMES; KOSLOSKI; VICENTINI, 2021; HYLAND;

BONDI, 2006; BOCH; GROSSMANN, 2002; FLØTTUM; VOLD, 2010; RINCK; POUVREAU, 2009).

1.2 Nossa abordagem específica: as modalidades enunciativas

Vem de Bally (1965, p. 36) a perspectiva que adotamos para compreensão das modalidades enunciativas. Na análise de uma frase, Bally estabelece distinção entre o *dictum* (o conteúdo representado) e o *modus* (o posicionamento do sujeito em relação ao *dictum*). Tal como exposto por Daunay (2020), cabem duas precisões sobre isso, tendo em conta a apropriação que fazemos dessa noção. Primeiramente, tais modalidades são assumidas tendo em conta um contexto específico – o da escrita científica –, o que nos leva a tomá-las no exame do processo de gerenciamento de vozes no texto, considerados os modos e os graus da apropriação do discurso de outrem pelo escritor do texto.⁵ Além disso, uma vez que as modalidades são, fundamentalmente, fenômenos discursivos, ainda que se manifestem na materialidade linguística, envolvem sempre os sujeitos do discurso, isto é, o produtor do texto e o leitor.

No que toca aos graus de apropriação da palavra de outrem e, efetivamente, ao *status* que é dado a ela no texto, estamos considerando, a partir de Daunay e Delcambre (2017), a existência de dois polos, que lembram a dupla obrigação de manter a autonomia enunciativa do discurso de outrem e, ao mesmo tempo, assimilá-lo ao discurso novo, nos termos de Volóchinov (2017). Tais polos, denominados metáfrase e paráfrase, remetem, respectivamente, à maior assimilação e à maior autonomia do discurso de outrem. Assim, “no primeiro caso, o discurso do escritor assume completamente a palavra de outrem, tornando-se o enunciador dela, por assim dizer; no outro polo, é o discurso de outrem que, de certo modo, governa a enunciação do discurso no qual é inserido” (DAUNAY, 2020, p. 366). Dito de outro modo, na paráfrase se materializa a prevalência enunciativa do discurso primeiro sobre o discurso segundo, ao passo que, na metáfrase, o que temos é a distância entre os dois discursos, dado que o discurso primeiro não se funde na enunciação do discurso segundo, que domina a enunciação e instaura como efeito o desvanecimento do enunciador.⁶

⁵ Tal como Daunay (2020), adotaremos, na análise, o termo **escritor** para referência ao “locutor-enquanto-construtor” que “assume a responsabilidade pela enunciação” (NØLKE; FLØTTUM; NORÉN, 2004, p. 30; tradução nossa); o termo **autor** será usado para designar os responsáveis pelos textos cujos trechos foram retomados pelo escritor.

⁶ Se a combinação desses termos pertence à retórica antiga, para distinguir reformulações mais (paráfrase) ou menos (metáfrase) elaboradas, cumpre ressaltar que ela não existe no campo da Linguística: a paráfrase é muito bem conhecida, ao contrário da metáfrase.

Um importante aspecto de nossa abordagem do fenômeno sob estudo refere-se à distinção entre modalidades de gestão enunciativa do discurso de outrem e formas da inserção desse discurso. Sendo uma das formas retóricas da subjetividade do escritor, por meio da qual se pode flagrar, de modo mais ou menos evidente, seu posicionamento em relação ao discurso do outro,⁷ as modalidades de gestão enunciativa do discurso de outrem em textos científicos evidenciam que a retórica do discurso científico, em muitas disciplinas, é marcada por uma orientação argumentativa importante (POLLET; GLORIEUX, 2016) e por manifestações específicas de subjetividade (BOCH; RINCK, 2010).

Assim, assumidas as estreitas relações entre a argumentação e o discurso representado na escrita científica (VINCENT; DUBOIS, 1997), podemos afirmar que o discurso de outrem pode se tornar “um suporte da argumentação” do escritor e que as argumentações respectivas do escritor e do autor referido “podem se fundir em uma argumentação com coordenadas enunciativas vagas” (DOURY, 2004, p. 263, tradução nossa). Nesse sentido, as modalidades dessa fusão permitem especificar as noções de metáfrase e de paráfrase.

2 A constituição do *corpus*

2.1 O *corpus* desta investigação

Conforme exposto anteriormente, nosso *corpus* provém de *corpora* de uma pesquisa maior, que abriga artigos científicos publicados em periódicos nacionais e estrangeiros, em diferentes línguas – português, inglês, francês e espanhol – oriundos de três grandes áreas de conhecimento (biológicas, exatas e humanas) e suas subáreas, selecionados a partir índices bibliométricos, com base em ferramentas como Google Scholar, Web of Science e Scopus.

Como nossa contribuição específica, na pesquisa referida, recorta a questão das modalidades enunciativas, decidimos escolher artigos publicados em português: escolher um *corpus* bilíngue teria introduzido um parâmetro a mais na análise dos dados, quando o objetivo é focalizar as especificidades enunciativas de disciplinas científicas. No que concerne à definição de áreas a serem estudadas, nossa opção foi pelas áreas da Educação e da Saúde, que representam duas das três grandes áreas de conhecimentos indicadas na subseção anterior: biológicas e humanas. Assumimos aqui o uso social dessa classificação, o que não significa que reivindicamos sua pertinência teórica, sabendo que essa demarcação é orientada por um paradigma de racionalidade científica (SANTOS, 2009), ainda dominante.

⁷ Sobre a reformulação e a citação posicionada, confira-se Florez (2013).

Selecionamos, do *corpus* inteiro, 6 artigos de cada área – Educação e Saúde – envolvendo 7 periódicos compilados a partir da listagem de Índice H5 Mediana H5 para periódicos na base Google Scholar, em julho de 2020 (3 da área de Educação e 4 da área da Saúde).⁸ Os critérios adotados para a seleção dos artigos foram: (i) o idioma de publicação: português, como já apontado; (ii) a variedade dos temas e das metodologias, desde que voltados para aspectos da Educação ou da Saúde brasileira. No anexo A, apresentamos dados sobre os artigos, sem o compromisso de manter o anonimato, dado que os textos estão disponíveis na *web*; na lista, indicamos a referência completa, bem como o número do texto em nosso *corpus*. A codificação empregada neste texto é a seguinte: “E” e “S” designam, respectivamente, os textos provenientes das áreas da Educação e da Saúde; nas citações extraídas do *corpus*, além dessas letras, um número distingue os textos. Nas citações, os destaques em negrito são nossos, com a função de realçar algum aspecto do fenômeno sob análise.

Todos os textos foram escritos entre 2015 e 2019. Nesses artigos, descartamos os resumos, as referências e outros elementos do paratexto, para reter somente o corpo do texto, com as notas de rodapé, na medida em que tomar em conta os elementos paratextuais, para além de estes serem bem diferentes quanto às formas, poderia criar redundâncias.

Nosso *corpus* final, assim constituído, contém 12 artigos com 161 páginas no total, o que está descrito mais precisamente no anexo B. O tamanho do *subcorpus* da área da Saúde corresponde a 64,84% do *subcorpus* da área da Educação); essa diferença não é um efeito de nossa seleção no *corpus* inteiro, na medida em que, neste último (quase o dobro do *corpus* analisado), a proporção é muito próxima. Isso pode ser um primeiro resultado marginal a nosso tratamento principal: a diferença de tamanho dos artigos em função da disciplina, sendo os da área da Saúde menores do que os da área da Educação. Quanto ao impacto dessa diferença entre os *subcorpora* sobre o tratamento dos dados, esclarecemos que ela se mostrará nula no momento da análise, uma vez que o exame das diferenças de modalidades será proporcional.

2.2 Princípios de tratamento e delimitação do *corpus*

Uma vez constituído o *corpus*, a primeira operação do tratamento foi identificar, nos textos selecionados, todas as passagens que representam um discurso de outrem. Sobre isso, cabe lembrar o nosso objetivo, que consiste em comparar as modalidades enunciativas da

⁸ A lista dos artigos do *corpus* encontra-se no Quadro 2 do Anexo A.

inserção do discurso de outrem pelo escritor no seu próprio discurso em diferentes áreas de conhecimento, de modo a identificar diferenças e semelhanças entre elas.

Trata-se aqui da retomada da palavra de outrem em uma perspectiva de “heterogeneidade mostrada” (AUTHIER-REVUZ, 1982), ou seja, da apropriação explícita e marcada do dito do outro, quando é explicitamente identificada a origem da palavra. Isso quer dizer que um critério importante foi respeitado para que o segmento fosse retido para análise: uma indicação clara pelo escritor de uma fonte, acompanhada ou não de codificação indicativa de empréstimo, como aspas ou itálicos, por exemplo.

Por outro lado, uma palavra marcada, mas sem fonte precisa, não pode ser retida para análise, como neste trecho (E5), ainda que reconheçamos, nesse expediente, traços da heterogeneidade mostrada, nos termos de Authier-Revuz (1982):

Em relação a essas perguntas, e acerca da metodologia que se empregará para se tentar respondê-las, cabe dizer que aqui se está interessado nos resultados “**brutos**” das escolas.⁹

As fontes da palavra retomada podem ser autores acadêmicos identificados (é o caso da grande maioria das ocorrências), mas há também “autores” anônimos, como no trecho que segue (S3):

O debate sobre as formas de organização das práticas de Saúde tem sido intenso, tanto no âmbito político quanto acadêmico, e assumido dois enfoques principais.

Há casos em que as palavras de outrem podem ser palavras “projetadas”, e não necessariamente ditas, como aqui (E2):

Já os professores de didática dirão: não é possível alguém ensinar uma matéria desconhecendo as características individuais e sociais dos alunos e o contexto social e cultural em que vivem [...].

Outra forma de voz anônima pode ser a de um campo científico ou de uma teoria (E5):

Esses são, respectivamente, os pressupostos da normalidade e da homocedasticidade **herdados da teoria clássica da testagem** [...].

Em suma, há que precisar que distinguimos duas naturezas de origens das palavras retomadas: autores (acadêmicos ou anônimos) externos à pesquisa e autores (geralmente

⁹ Nessa citação e nas seguintes, trazidas como ilustrações do *corpus*, os destaques em negrito são nossos, com a função de realçar algum aspecto do fenômeno sob análise.

anônimos) proveniente dos dados da pesquisa (como sujeitos de entrevistas ou questionários, por exemplo).

2.3 Seleção dos segmentos

Tecnicamente, identificamos segmentos nos textos, considerado o caráter de unidade que atribuímos a eles, no curso da construção de cada artigo. Segundo critérios por nós adotados, tendo em conta a inserção do discurso de outrem no *corpus* analisado, um segmento corresponde, geralmente, do ponto de vista linguístico, a uma frase entre dois pontos finais. Nos casos de citação literal de outrem, a delimitação do segmento se deu em função das aspas ou do adentramento. Quanto às notas de rodapé, estes foram tratados isoladamente como itens próprios; entretanto, quando apenas traziam referência bibliográfica ou quando eram segmentos articulados ao texto próprio, foram incorporados entre colchetes ao texto. Não retivemos as figuras nem o conteúdo que apresentavam, embora o conteúdo textual dos quadros tenha sido levado em conta.

O número dos segmentos assim identificados foi de 851 (485 para o *subcorpus* da Educação e 366 para o *subcorpus* da Saúde, em uma proporção idêntica ao tamanho do *corpus* inteiro).

A taxa de retomada da palavra de outrem nos textos (calculada a partir do número de caracteres dos segmentos, em relação ao total de caracteres do texto) foi de 48,96%, em média. Dito de outro modo, quase a metade da superfície dos textos do nosso *corpus* pode ser considerada como palavra de outrem – o que, sem dúvida, parece caracterizar o texto científico, como bem definem Latour e Woolgar (1997) ao mostrarem que as interações entre pesquisadores tomam como objeto, invariavelmente, aspectos abordados na literatura publicada de um determinado campo. Entretanto, nesse aspecto, há uma disparidade entre os índices de palavra de outrem nos artigos da Educação (45,78%) e nos da Saúde (53,87%), o que pode ser assumido como um outro resultado preliminar a nossa análise propriamente dita.

Um terceiro resultado marginal pode ser a diferença entre os dois *subcorpora* quanto à origem das palavras alheias; assim, conforme indicamos em 2.2, por meio da distinção entre origens teórica ou empírica (autores exteriores à pesquisa ou dados da pesquisa), as vozes dos dados das pesquisas têm um lugar maior nos enunciados da área da Educação do que nos da Saúde: 32,16% das palavras de outrem na área da Educação provêm dos dados empíricos, contra 19,13% na área da Saúde (para ver o pormenor dos cálculos, cf. anexo C).

3 Processo de análise: conceitos, métodos e execução

Após a identificação das passagens do discurso alheio representado nos textos do *corpus*, dedicamo-nos ao passo essencial para nosso objetivo: a identificação das modalidades de apropriação do discurso de outrem.

3.1 As formas de inserção das palavras de outrem

Ainda que não sejam o foco de nossa pesquisa, cabe-nos uma palavra sobre as *formas*, dado que vamos identificar relações entre as formas e as modalidades. Sem poder, por falta de espaço, apresentar as formas de inserção das palavras de outrem ilustrando-as com exemplos do nosso *corpus*, basta saber aqui que usamos e adaptamos a tipologia de Boch e Grossmann (2002), revisada por Daunay e Delcambre (2017), a partir do exame das relações entre a voz de outrem e os discursos científico e didático. Cinco formas distinguem-se nessa tipologia:

(1) A **citação** é o discurso de outrem marcado por meios tipográficos (em geral, aspas ou itálico);

(2) A **reformulação** consiste em uma apropriação do *conteúdo* sem respeito da forma linguística original do discurso representado e sem marca tipográfica específica (como as aspas para a citação), mas apresenta sinais linguísticos de atribuição das palavras alheias: podem ser simplesmente a indicação da origem, por exemplo, entre parênteses; em lugar dos parênteses, também pode haver uma simples chamada para uma nota de rodapé ou para as referências do artigo, ao final do texto, como no sistema Vancouver, em que é trazida a referência completa das palavras reformuladas. Esse último modo é muito frequente no *subcorpus* da Saúde e marca uma distinção importante dele em relação ao *subcorpus* da Educação. Trata-se de procedimento adotado para marcar não apenas reformulações, mas também outras formas de relação com as palavras de outrem, que são numeradas de forma consecutiva, na ordem em que forem mencionadas pela primeira vez no texto. Esse tipo de estratégia, tão comum a periódicos da grande área das ciências biológicas, é estudado por Lefebvre (2013), que, aparando-se na abordagem do discurso reportado feita por Authier-Revuz, examina notas de rodapé em diferentes gêneros do discurso como índices mais ou menos fortes da presença do discurso alheio. Ainda que não nos dediquemos, neste texto, a explorar as contribuições que suscita a descrição de Lefebvre (2013), compete-nos ter em conta que a própria presença da nota materializa, visualmente e, por isso, iconicamente, um outro espaço enunciativo (diferente

daquele instanciado pelo escritor), o que, em maior ou menor grau, poderia ser um argumento para defender a dominância da força enunciativa do escritor.

(3) A **evocação** não é mais do que uma “alusão a trabalhos sem pretender resumir seu teor” (BOCH; GROSSMANN, 2002, p. 100); assim, pode ter a mesma forma que a reformulação, com apenas a indicação de origem, mas sem que o escritor apresente nada do que se trata, para além do próprio tópico;

(4) O **empréstimo** pode ser definido como uma citação curta (uma palavra ou um sintagma);

(5) A **hibridação**, neste trabalho, consiste em uma mistura de duas formas. Nesse modo de misturar, a reformulação do conteúdo da palavra de outrem inclui uma retomada textual de um trecho dela.¹⁰

3.2 As modalidades de inserção das palavras de outrem

Sob nosso ponto de vista, o levantamento das **formas** foi um passo importante do trabalho para bem distingui-las das **modalidades** – tópico central da pesquisa –, que remetem ao grau de autonomia ou de dependência enunciativa das palavras do escritor e de outrem, qualquer seja a forma. Contrariamente às formas, não se trata de categorias exclusivas, mas de uma escala, que se estende entre dois polos: a metáfrase (em que o discurso do outro é bem assimilado pelo texto do escritor) e a paráfrase (em que o discurso do outro guarda uma certa autonomia).

Para a análise do *corpus*, fizemos a opção por construir uma escala de cinco graus, como em pesquisas anteriores a propósito dessa questão (DAUNAY; DELCAMBRE, 2017; DAUNAY, 2020):

Quadro 1 – Escala entre metáfrase e paráfrase

M++	= o que é claramente uma <i>metáfrase</i> (o discurso do escritor rege a enunciação)
M+	= o que tende à metáfrase
P ou M	= o que é indeterminável
P+	= o que tende à paráfrase
P++	= o que é claramente uma <i>paráfrase</i> (o discurso de outrem rege a enunciação)

Fonte: Daunay (2020, p. 372).

¹⁰ Lembremos aqui que o que Boch e Grossmann (2002) chamam de “ilhota citacional” foi dividido, por Daunay e Delcambre (2017), em duas categorias: **empréstimo** e **hibridação**; esses autores consideravam como **hibridação** somente a mistura do empréstimo e da reformulação; no nosso caso, ampliamos a categoria para incluir nela todos os tipos de misturas, adaptando essas tipologias-fontes.

Note-se que a distinção entre paráfrase e metáfrase é resultado de um processo interpretativo do analista, também guiado por sua intuição, condição que impede um tratamento mecânico dos dados.

3.2.1 O polo paráfrase

Podemos considerar que a paráfrase consiste na devolução da enunciação ao autor do trecho inserido no texto do escritor: é quase como se o escritor se afastasse, se apagasse e deixasse o domínio da enunciação do seu próprio texto ao autor cuja palavra é retomada.

Um caso típico pode ser exemplificado por meio de palavras de outrem transcritas, preservadas as marcas de enunciação oral, como nos exemplos seguintes, de (E4), que classificamos como no último grau da escala, P++:

Mas olha só, se eu não posso fazer coisas que eu sei que deveria fazer, vou tentando fazer outras pra compensar, sabe?
eu gosto de andar pela escola... geralmente antes de ir lanchar dou uma passadinha para ver o recreio, ver com quem ele tá andando.

Em (E4), uma fala alheia impõe, por assim dizer, sua enunciação de maneira visível. Ao contrário, o escritor de (E1), a seguir, por meio do *itálico*, emerge, na transcrição, marcando sua distância em relação ao outro, como que para manter seu direito na enunciação ao retomar uma fala alheia. Trata-se de marcas, tal como descreveu Authier-Revuz (1990), que remetem, em (E1), “ao exterior do discurso”:

Olha, é o seguinte, a sua pergunta é o seguinte: no início da aula a gente falou de calor, que é transferência de energia de um corpo em maior temperatura para outro de menor temperatura. Quando a gente *tá* falando de líquidos, voláteis inclusive, esses líquidos evaporam. Água, se colocar no chão, ela vai evaporar. Tanto a água da torneira ou a do chão estão em temperatura ambiente, mas vai evaporar, né? E *pra* evaporar ela absorve energia e usa essa energia *pra* evaporar, no caso, energia térmica também. Então, esse frio que *tá* aqui [na garrafa] é o álcool tirando energia da garrafa e a garrafa tirando da minha mão, ok? (Destaques do original.)

Ambos os exemplos são citações e, sem dúvida, denunciam uma relação estreita entre a citação e a paráfrase; noutros termos, como veremos adiante, embora formas e modalidades se distingam conceitualmente, há, obviamente, relação entre elas.

A paráfrase pode também ser identificada em outras formas de retomada da palavra de outrem. O caso mais frequente é a reformulação, quando a palavra de outrem é retomada sem marcas de apropriação do escritor, salvo a indicação da origem em uma nota de rodapé, por

exemplo, como ocorreu frequentemente no *subcorpus* da área da Saúde, tal como mencionado em (3.1).

Consideramos que a apresentação da reformulação do discurso alheio pelo escritor com expressões tais quais *segundo fulano* ou *de acordo com sicrano* pode ser considerada uma maneira de recuperar um pouco do domínio enunciativo pelo escritor, mas de forma discreta; por isso, codificamos esses segmentos como P+ (e não P++), como neste trecho de (E2):

Segundo Vygotsky, o aprendizado não é, em si mesmo, desenvolvimento mas, se organizado corretamente, ativa processos de desenvolvimento mental da criança.

Já o empréstimo inserido em uma frase do escritor tem uma autonomia relativa, como em (S3), o que nos levou à codificação dessa ocorrência como P++:

O designado “modelo biomédico” tem influenciado a formação profissional, a organização dos serviços e a produção de conhecimentos em Saúde.

Ainda no que respeita à paráfrase, é importante marcar a diferença entre o **posicionamento do escritor** e a **modalidade de sua enunciação**. Tomemos um exemplo de (E1):

A compreensão dos sentidos que os sujeitos produzem a partir de suas experiências requer a análise contextualizada dos enunciados produzidos e da contra-palavra que tais enunciados suscitam em outros sujeitos.

No trecho ilustrado, o escritor reformula Bakhtin (a quem se referia no segmento precedente): essa maneira de se apropriar da palavra de outrem, para a transformar como a sua própria, organizando seu discurso com esse material, poderia ser analisada como um posicionamento alto; mas codificamos o segmento como P++, porque, no plano estritamente enunciativo, a palavra do autor reformulado ocupa todo o espaço enunciativo e rege a enunciação da passagem.

Isso pode fazer a diferença entre nossa abordagem das “modalidades enunciativas”, nesta pesquisa, e as “posturas enunciativas” de Rabatel (2016), na medida em que os fenômenos de “co-, sub- ou superenunciação”, que dependem do ponto de vista construído pelo escritor, podem se realizar, no plano enunciativo que tentamos descrever, tanto na metáfrase como na paráfrase.

3.2.2 O polo metáfrase

No outro polo, a metáfrase manifesta o domínio claro do escritor, que quase ingere, em sua própria enunciação, a do discurso alheio. De modo a evidenciar esse contraste, trazemos

exemplos de segmentos que codificamos como M++, ou seja, segmentos em que a enunciação do discurso de origem quase desapareceu. Iniciamos por (E2), em que se materializa uma dupla lista remetendo a outros discursos:

Embora alvo de críticas e até de menosprezo por setores do campo acadêmico em meio aos embates teóricos no campo das ciências humanas e da educação desde os anos 1980, a didática firma-se hoje como área de investigação consolidada, haja vista o expressivo número de publicações enfocando questões teóricas e epistemológicas como a natureza do processo de ensino-aprendizagem, a relação com a epistemologia das disciplinas, a articulação entre a didática e a pesquisa cultural, as aproximações interdisciplinares, os saberes docentes, e ainda questões do exercício docente como o ensino de disciplinas, a diversidade sociocultural, a relação com as tecnologias digitais, a relação teoria e prática na formação inicial e continuada (entre outros, Candau, 2003; Candau, 2011; Candau, 2012; Pimenta, 1997; Pimenta, 2002; Pimenta, 2010; Libâneo, 2008; Libâneo, 2010a; Libâneo, 2010b; Libâneo, 2011; Libâneo, 2012; Libâneo, 2014; Libâneo; Alves, 2012; Oliveira, 1992; Oliveira, 1997; Oliveira; Pacheco, 2013; Oliveira; André, 2003; Veiga, 1999a; Veiga, 1999b; Veiga, 2010; Veiga, 2011; André, 1997; André, 2009; Masetto, 2000; Anastasiou; Alves, 2006; Franco, 2010; Franco, 2012).

Assumimos haver uma dupla lista, em razão de que há uma lista de ideias e outra de referências. Parece-nos claro que todo o excerto que antecede a lista de referências é inspirado diretamente em outros autores, indicados entre parênteses,¹¹ mas a forma como isso é realizado, por meio da mistura, da integração de ideias, traz como efeito o não reconhecimento das fontes originais. Assim, a enunciação do escritor domina totalmente a dos autores, tomando o poder no discurso deles. Não se trata de plágio ou de furto, porque há referências, mas de uma tomada de posse, o que, para nós, caracteriza a metáfrase pura (M++). Esse é um exemplo caricatural, mas encontramos, no *corpus* investigado, muitos outros exemplos dessas listas (remetendo a dois a quatro autores) que criam o mesmo efeito.

É possível, ainda, que essa estratégia se realize sem a listagem de referências, mas como uma menção não específica, o que gera um efeito de anonimato, como nesses dois segmentos de (E1):

Importantes pesquisas vêm considerando a sala de aula como um ambiente dinâmico no que se refere às interações entre estudantes e professor e entre os próprios estudantes. (Destaques nossos.)

Estudos importantes têm sido realizados em torno da linguagem em aulas de ciências. (Destaques nossos.)

Indicamos, em (E1), um fator importante de metáfrase, que pode também se ver por meio da sumarização de discurso alheio. Um outro marcador de metáfrase, de forma próxima, pode

¹¹ Incluindo o escritor mesmo: é preciso indicar que, no tratamento do *corpus*, consideramos as palavras de trabalhos outros do escritor como palavras alheias, o escritor se tornando autor exterior: a forma mesma da referência identifica essa duplicação, uma vez que o escritor refere a si mesmo como aos outros autores.

ser o “discurso multirreferenciado” (GROSSMANN, 2002), quando vários autores são combinados para permitir o desenvolvimento do discurso do escritor, em que a palavra de outrem é estritamente ligada. Assim temos (E3):

Do lado teórico, introduzido principalmente por Arrow (1962), Nelson e Phelps (1966), e Merton (1969) e posteriormente por vários outros destacados pesquisadores como Dasrupta e David (1994) e Stephan (1996), que fazem uma revisão da literatura sobre o tema, o conhecimento, com destaque para sua dimensão científica e tecnológica, adquiriu *status* conceitual de bem público.

Tal segmento representa para nós uma realização clara de metáfrase (M++), sobretudo porque o escritor emite um julgamento de valor sobre os pesquisadores evocados, aspecto que marca a saliência (ou dominância) do discurso segundo sobre o primeiro. Isso pode se assemelhar às hierarquizações de vários discursos alheios feitas pelo escritor, na lógica da sua argumentação própria, como em (E2):

Embora se possa remeter aqui à noção de capital social desenvolvida por Bourdieu (1980), é, sobretudo, aquela adotada por Coleman (1988, 1990) que nos auxilia a compreender tal fenômeno, na medida em que faz apelo ao grau de integração dos indivíduos e à construção de relações, expectativas de reciprocidade e comportamentos confiáveis, constituindo-se não somente em um bem individual, mas também em um bem coletivo.

Claramente, isso constitui uma retomada das palavras de autores, quase a serviço do conteúdo do escritor, que as incorpora, hierarquizando-as, para melhor desenvolver seu próprio discurso (em nosso *corpus* não raros são os segmentos em que o escritor destaca um autor dentre outros, a serviço de sua argumentação).

Nessa lógica, há outros marcadores de metáfrase, talvez menos evidentes (M+), como nos segmentos que comparam, relacionam ou opõem pesquisas, com expressões tais como “No mesmo ano”, “No entanto”, “Ao contrário”, “Em contrapartida”.

Também o uso do futuro do pretérito pode estabelecer uma distância em relação à enunciação do autor, para melhor integrar o conteúdo no discurso do escritor, como se vê em (S1):

De acordo com D’Gregorio [2010], a violência obstétrica **estaria** presente nas seguintes práticas [...]. (Destaque nosso.)

Outras marcas de distância metafrástica (ou, ao contrário, de proximidade parafrástica) são as formas linguísticas de introdução das palavras do outro: introduzir a palavra alheia com uma expressão neutra como “segundo fulano”, que apenas aponta para a origem do dito, não

nos parece produzir o mesmo efeito daquele possibilitado pelo uso de um verbo que sinalize, em algum grau, uma compreensão apreciativa do escritor, como em “sicrano *destaca* que”.¹²

Evidentemente, não é possível sinalizar aqui todos os marcadores de metáfrase que encontramos, mesmo que tenhamos indicado os mais importantes. Como último exemplo, trazemos um excerto em que são retomadas palavras de um sujeito entrevistado em pesquisa relatada em (E4):

Ou ainda, como podemos ver no trecho abaixo: *O inglês, por exemplo, o inglês da escola é uma falácia [...]*. (Destques em itálico do texto original.)

Esse pequeno exemplo ilustra dois interessantes fatores de metáfrase: primeiramente, o uso de expressões que estabelecem relação entre uma palavra de outrem e o contexto próprio do escritor; podem ser diversos conectivos com ou sem valor anafórico que estabelecem, como em “Ou ainda”, uma identidade entre dois contextos diferentes, incorporando o do autor no discurso do escritor, como se não houvesse uma autonomia; em segundo lugar, o uso de expressões que, na retomada pelo escritor, não têm exatamente o mesmo sentido que no contexto de origem; no excerto, “por exemplo” se refere a um *cotexto* diferente daquele do texto original.

Em todos os exemplos trazidos acima, podem-se ver ilustrações de vários graus de metáfrase, mesmo que não sejam todas ilustrações de metáfrase “pura”.

3.2.3 Entre os dois polos

Como vimos, tratamos a questão das modalidades enunciativas usando uma escala com dois polos, a metáfrase e a paráfrase, que ilustramos com exemplos que podem se colocar em quatro graus: M++, M+, P+, P++. Contudo, afirmamos (cf. 0) que a escala se constitui de cinco graus. O grau não ainda ilustrado, o terceiro (M ou P), na verdade, corresponde aos casos ambíguos, isto é, os que contemplam marcadores de metáfrase e de paráfrase ao mesmo tempo, o que quer dizer que eles se neutralizam mutuamente. A seguir encontram-se dois pequenos exemplos, simplesmente para ilustrar o problema, sem a pretensão de vislumbrar todos os casos específicos:

Já, em 2008, a pergunta foi alterada por “Alguns médicos ou profissionais de Saúde já disseram que você tem [determinada doença]?”.
Tudo isso é facilitado seja pelo exercício da docência no próprio estabelecimento, seja pelos contatos estabelecidos com outros professores, diretores e outros profissionais

¹² Sobre o uso de verbos introdutórios do dizer de outrem, cf. Marcuschi (1991).

da educação (“Eu tenho liberdade de falar com a diretora”, “eu sempre vou na direção”).

Nos dois trechos (respetivamente, S4 e E4), parece que o discurso de outrem é, no plano enunciativo, claramente dominante, porque a palavra é retomada textualmente, com uma modificação das marcas dos planos enunciativos (visível nos dêiticos *eu* e *você*), o que pode representar uma situação de paráfrase; isso deveria impor o código P+ (e não P++), uma vez que a palavra é introduzida por termos do escritor. Mas os termos de introdução são de natureza metafrástica (M+): inserem a palavra do outro em um conjunto de palavras alheias, o que retira a autonomia à palavra retomada. Essas duas marcas contraditórias nos levam a escolher entre o código “P ou M” para esses segmentos.

Evidentemente, trata-se de uma questão de interpretação; noutros termos, nossa proposta de abordagem da questão das modalidades enunciativas depende estritamente da intuição dos pesquisadores, não podendo ser substituída por uma máquina!

4 Apresentação e discussão dos resultados

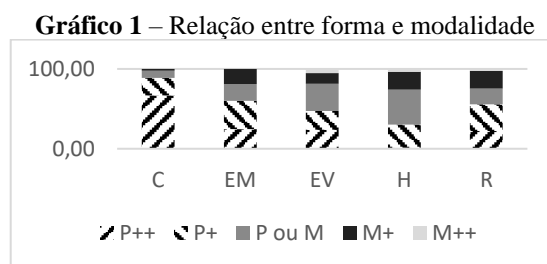
Passamos agora a apresentar os resultados, com a meta de contribuir, com o exemplo de duas áreas de conhecimento distintas (Educação e Saúde), para a identificação de diferenças e especificidades do discurso científico em um dos gêneros do discurso mais representativos do fazer científico: o artigo.

4.1 Observações preliminares

Para começar, podemos evocar alguns resultados marginais, ou seja, preliminares à análise própria do estudo. De fato, já identificamos três características dos dois *subcorpora*, que podem indicar contrastes genéricos entre as duas áreas envolvidas: (i) em extensão, o *subcorpus* da Saúde equivale a dois terços do *subcorpus* da Educação; (ii) a superfície dos textos considerada como palavra de outrem (48,96% em média) é mais importante no *subcorpus* da Saúde (53,87%) do que no da Educação (45,78%); (iii) as palavras de outrem providas de dados empíricos representam 32,16% das palavras de outrem na Educação, contra 19,13% na Saúde.

Esses resultados não são ligados entre si e não apresentam uma relação estreita com o foco de nosso estudo, as modalidades enunciativas, mas, como primeiros resultados, coletados no decorrer da análise, podem contribuir à descrição do gênero em jogo, tendo em conta as áreas de conhecimento examinadas.

Antes de analisar as modalidades, vamos apresentar os resultados a propósito das formas das retomadas das palavras de outrem. Inicialmente, há que lembrar que as formas diferem das modalidades, mesmo que tenham alguma afinidade, como mostra o gráfico a seguir.



Leitura: dentre os segmentos identificados como citações, 66,67% são também P++, 22,22% P+, 8,89 P ou M, 2,22% M+, 0% M++. Para a hibridação, respectivamente: 1,20%, 28,92%, 43,98%, 22,29%, 3,61%.

Fonte: Dados da pesquisa.

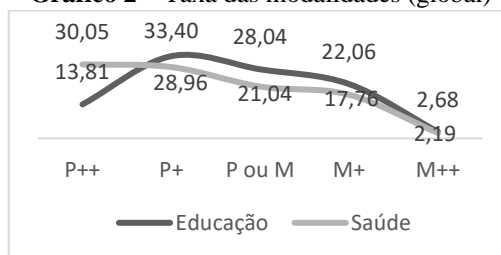
Pode-se ver, nesse gráfico, por exemplo, que a citação foi considerada, em nossa análise, em grande maioria (88,89%), como paráfrase (P++ ou P+), enquanto a hibridação obteve uma taxa de paráfrase muito menor (30,12%). Além dessas duas situações, a relação entre formas e modalidades é menos visível, mas a relação nítida entre a citação e a paráfrase ou entre a hibridação e a metáfrase pode facilmente se explicar: a citação é uma retomada da palavra de outrem, respeitando a enunciação do autor apropriado (por exemplo, a dêixis mesma pode mudar: *eu*, na citação, não se refere ao escritor, mas ao autor representado); a citação, com marcas que indicam quase um espaço próprio, é uma candidata perfeita à paráfrase, uma vez que sua configuração garante a ela a condição de reger por si mesma a enunciação do discurso que a acolhe.¹³ De outro lado, por meio da hibridação o escritor mistura as formas, para facilitar seu próprio discurso, o que lhe dá um domínio maior na enunciação. Nesse sentido, é normal que a hibridação mostre afinidade com a metáfrase.

4.2 As modalidades nos dois *subcorpora*

Sem apresentar no pormenor as formas das palavras de outrem representadas no nosso *corpus*, cheguemos aos resultados acerca das modalidades, o objeto específico de nossa pesquisa. A representação desses resultados é mais difícil, uma vez que estes estão ligados a uma escala e não a categorias discretas. Apresentaremos um primeiro gráfico que pode mostrar as tendências, respeitando a dimensão escalar desses resultados.

¹³ Pode não ser assim, quando o escritor intervém na citação, modificando a enunciação para torná-la compatível com a do escritor (não há exemplos em nosso *corpus*) ou para dar indicações ou marcar cortes entre colchetes.

Gráfico 2 – Taxa das modalidades (global)



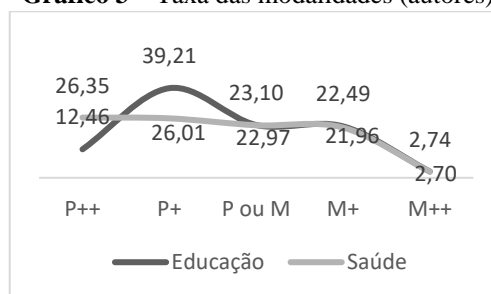
Leitura: os segmentos marcados P++ representam 13,81% dos segmentos da “Educação” e 30,05% dos da “Saúde”.

Fonte: Dados da pesquisa.

No polo da metáfrase, não se vê diferença significativa, mas a divergência é bem visível no que se refere à paráfrase: o código P++ foi marcado para 13,81% dos segmentos do *subcorpus* Educação e 30,05% para o *subcorpus* Saúde. Pode-se ver, contudo, que a tendência se inverte, mas com uma amplitude menor (33,40% vs. 28,96%), até o ponto em que os dois polos parecem se equilibrar entre os dois *subcorpora*.

Como nas formas, a distinção dos segmentos segundo a natureza da sua origem (autores ou dados empíricos) permite obter resultados mais claros. Assim, vemos que a tendência que acabamos de descrever se confirma e se precisa quando somente retemos os segmentos em relação aos autores tomados pelos escritores:

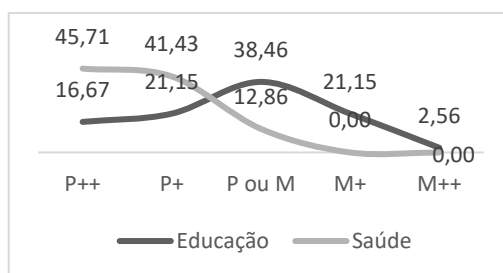
Gráfico 3 – Taxa das modalidades (autores)



Fonte: Dados da pesquisa.

Ao contrário, as curvas são diferentes quando se retêm apenas os segmentos provindos dos dados empíricos, como mostra o gráfico seguinte, em que a metáfrase não é mais presente no *subcorpus* da Saúde, enquanto os graus P+ e P++ dominam nele nitidamente. No *subcorpus* da Educação, a curva é mais plana e se vê uma taxa idêntica para os graus P+ e M+.

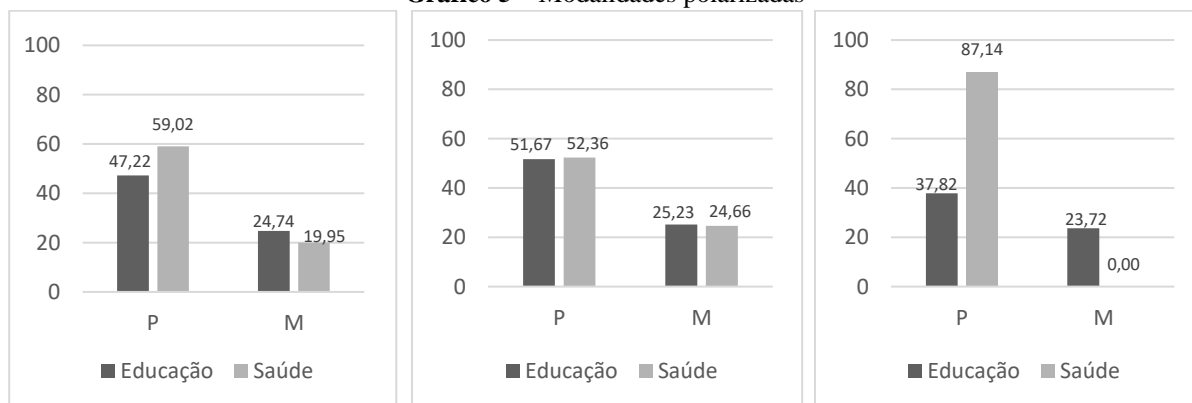
Gráfico 4 – Taxa das modalidades (dados)



Fonte: Dados da pesquisa.

Os resultados precedentes, que foram apresentados levando em conta todos os graus, podem ser confrontados a outros, que indicam as taxas das modalidades polarizadas (sendo reunidos M+ e M++ por um lado, P+ e P++ por outro), como no gráfico a seguir.

Gráfico 5 – Modalidades polarizadas



7a. Global

7b. Autores

7c. Dados

Fonte: Dados da pesquisa.

Essa polarização (sem o grau neutro: “P ou M”) confirma o que já vislumbramos: (i) globalmente, há uma tendência à prevalência da paráfrase nos dois *subcorpora*, Educação e Saúde; (ii) sempre globalmente, o *subcorpus* da Saúde apresenta uma taxa de paráfrase um pouco maior do que a obtida no *subcorpus* da Educação e, inversamente, um pouco menor para a metáfrase; (iii) essa dupla tendência se explica principalmente pelas divergências entre os dois *subcorpora*, levando em conta somente os dados empíricos; (iv) inversamente, a proporção de metáfrase e de paráfrase se equilibra entre os dois *subcorpora* nos segmentos que representam palavras de autores; (v) comparando-se os gráficos 5 e 7b, pode-se identificar uma compensação, já esperada, entre os graus P++ e P+ nos segmentos que trazem o discurso de autores, tanto para o *subcorpus* da Educação como para o *subcorpus* da Saúde.

Considerações finais

Todos os resultados apresentados devem, é claro, ser examinados com prudência, uma vez que o *corpus* não se quer representativo, devido ao número de textos (12) que o constitui e ao número de segmentos considerados como retomada de palavras de outrem (851), que servem de base à nossa análise. Entretanto, na nossa lógica exploratória, podem ser definidas hipóteses a partir do tratamento do *corpus* que apresentamos.

Note-se que a densidade textual nessas duas áreas que escolhemos, Educação e Saúde, difere: os artigos são menores nesse último *subcorpus* do que no primeiro (cf. Quadro 3 no Anexo B), o que nos parece uma tendência da área. Esse resultado pode se combinar com um outro, a densidade da palavra de outrem, maior no *subcorpus* da Saúde do que no da Educação (cf. acima, 2.4). Os dois resultados permitem formular uma hipótese de *expansão maior da voz do escritor* nos textos da área da Educação. Entretanto, também seria possível interrogar essa hipótese, ao se colocar sob análise o efeito de distanciamento espacial/visual, por meio da chamada de nota de rodapé, entre o discurso do escritor e o discurso dos autores convocados.

Outra hipótese, em relação com a primeira: para além da expansão da voz do escritor, a importância dele se vê na maneira de retomar as palavras de outrem: a combinação de um uso maior da forma “hibridação” (Gráfico 2) e da metáfrase (cf. os gráficos e interpretações abrigados em 4.3) no *subcorpus* da Educação marcaria a tendência dos escritores dessa área de assumir mais a palavra de outrem, enquanto os escritores da área da Saúde deixariam mais lugar à enunciação das vozes importadas (o que se pode verificar materialmente, no costume dos textos da Saúde de indicar a origem das palavras alheias com somente uma chamada para uma nota de rodapé: cf. 3.1).

Terceira hipótese: a diferença na natureza das palavras retomadas nos textos (autores e sujeitos dos dados) é um critério visivelmente válido para distinguir os discursos respectivos das duas áreas. Assim, não somente a proporção das palavras provenientes dos dados é muito menor na Saúde (cf. 0 no Anexo C), mas também a distinção entre os dois tipos de origem das palavras de outrem dá indicações interessantes para melhor identificar as diferenças entre os *subcorpora* quanto às formas e às modalidades.

Não obstante, seria interessante questionar a própria ideia de unidade que a opção pelos dois *subcorpora* pode evocar, sobretudo em razão de que as grandes áreas implicadas – ciências biológicas (no caso do *subcorpus* da Saúde) e ciências humanas (caso do *subcorpus* da Educação) –, a despeito dos conhecidos contrastes históricos e das representações que os sustentam, não podem ser pensadas como blocos monolíticos, e sim, ao contrário, como

também atravessadas por variáveis históricas, econômicas e sociais. Nesse sentido, caberia também perguntar que variáveis poderiam aproximar (ao contrário de afastar) as pesquisas construídas no campo da Saúde Pública (caso do *subcorpus* da área da Saúde) e no campo da Educação.

Referências

- ASSIS, J. A. “Como é que eu faço então pra minha voz aparecer no texto?” Marcas da apropriação de gêneros acadêmicos no processo de letramento da/na universidade. In: ABREU-TARDELLI, L. S.; KOMESU, F. C. (org.). *Letramentos e gêneros textuais/discursivos*. Aproximações e distanciamentos. Belo Horizonte: PUC Minas, 2018. p. 52-68. Disponível em: <https://www.editora.pucminas.br/obra/letramentos-e-generos-textuais-discursivos-aproximacoes-e-distanciamentos>. Acesso em: 20 jul. 2023.
- AUTHIER-REVUZ, J. Hétérogénéité montrée et hétérogénéité constitutive : éléments pour une approche de l’autre dans le discours. *DRLAV*, Paris, n. 26, p. 91-151, 1982.
- AUTHIER-REVUZ, J. Heterogeneidade(s) enunciativa(s). *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, n. 19, p. 25-42, jul./dez. 1990. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8636824>. Acesso em: 20 jul. 2023.
- BAKHTINE, M. *Esthétique et théorie du roman*. Gallimard: Paris, 1978.
- BAKHTIN, M. M. *Estética da criação verbal*. Tradução: Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BALLY, C. *Linguistique générale et linguistique française*. Berne: Francke, 1965. Original publicado em 1932.
- BOCH, F.; GROSSMANN, F. Referir-se ao discurso do outro: alguns elementos de comparação entre especialistas e principiantes. Tradução: Maria de Lourdes Meirelles Matencio. *Scripta*, Belo Horizonte, v. 6, n. 11, p. 97-108, 2002. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/12452>. Acesso em: 20 jul. 2023.
- BOCH, F.; RINCK, F. Pour une approche énonciative de l’écrit scientifique. *Lidil*, Grenoble, n. 41, p. 5-14, 2010. Disponível em: <https://journals.openedition.org/lidil/3004>. Acesso em: 1 out. 2023
- DAUNAY, B. Metáfrase e paráfrase: modalidades da apropriação do discurso de outrem na escrita acadêmica. *Linguagem em (Dis)curso*, Tubarão, v. 20, n. 2, p. 363-380, 2020.
- DAUNAY, B.; DELCAMBRE, I. Les modalités énonciatives de la reprise du discours d’autrui dans les écrits de recherche et les écrits didactiques. *Scripta*, Belo Horizonte, v. 21, n. 43, p. 37-64, 2017. Disponível em:

<http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/14232/12818>. Acesso em: 20 jul. 2023.

DOURY, M. La fonction argumentative des échanges rapportés. In: LÓPEZ-MUÑOZ, J. M.; MARNETTE, S.; ROSIER, L. (org.). *Le discours rapporté dans tous ses états*. Paris: L'Harmattan, 2004. p. 254-264.

DUCROT, O. *O dizer e o dito*. Revisão técnica da tradução: Eduardo Guimarães. Campinas: Pontes, 1987. Original publicado em 1984.

FISCHER, A.; GRIMES, C.; KOSLOSKI, E. R.; VICENTINI, M. A. Padrões da autocitação em artigos de alto impacto da revista Nature. *Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação*, Araraquara, v. 16, n. 1, p. 276–291, 2021. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/14207>. Acesso em: 20 jul. 2023.

FLOREZ, M. La citation positionnée dans l'écrit scientifique. In: TUTIN, A.; GROSSMANN, F. (org.). *L'écrit scientifique. Du lexique au discours*. Rennes: Presses universitaires de Rennes, 2013. p. 67-84.

FLØTTUM, K.; DAHL, T.; KINN, T. *Academic voices. Across languages and disciplines*. Amsterdam: John Benjamins, 2006.

FLØTTUM, K.; VOLD, E. T. L'éthos auto-attribué d'auteurs-doctorants dans le discours scientifique. *Lidil*, Grenoble n. 41, p. 41-58, 2010.

GROSSMANN, F. Les modes de référence à autrui chez les experts : l'exemple de la Revue *Langues. Faits de Langue*, Berne, n.19, p. 225-262, 2002.

HYLAND, K. Academic Attribution: Citation and the Construction of Disciplinary Knowledge. *Applied Linguistics*, Oxford, n. 20/3, p. 341-367, 1999.

HYLAND, K.; BONDI, M. (dir.). *Academic discourse across disciplines*. New York: Peter Lang, 2006.

HYLAND, K.; JIANK, K. F. Academic lexical bundles: how are they changing? *International Journal of Corpus Linguistics*, v. 23, n. 4, p. 383-407, 2018.

JACQUES, M.-P. La structuration textuelle en discours scientifique : comparaison oral / écrit. *CHIMERA. Romance Corpora and Linguistic Studies*, Madrid, n. 1, p. 89-115, 2017.

LATOURE, B.; WOOLGAR, S. *A vida de laboratório: a produção dos fatos científicos*. Tradução: Angela Ramalho Vianna. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1997.

LEFEBVRE, J. La note en bas de page: indice et marque dans la représentation d'un discours autre. In: DESOUTTER, C.; MELLETT, C. (dir.). *Le discours rapporté : approches linguistiques et perspectives didactiques*. Berne: Peter Lang, 2013. p. 197-214.

MAINGUENEAU, D. *Novas tendências em análise do discurso*. Trad. de Freda Indursky. Campinas, SP: Pontes, 1993.

MARCUSCHI, L. A. A ação dos verbos introdutórios de opinião. *Intercom. Revista Brasileira de Comunicação*, São Paulo, n. 64, p. 74-93, 1991.

NØLKE, H.; FLØTTUM, K.; NORÉN, C. *ScaPoLine*. La théorie scandinave de la polyphonie linguistique. Paris: Kimé, 2004.

POLLET, M.-C.; GLORIEUX, C. (org.). *Argumenter dans les écrits scientifiques*. Namur: Presses Universitaires de Namur, 2016.

RABATEL, A. Os desafios das posturas enunciativas e de sua utilização em didática. Tradução: Weslin de Jesus Santos Castro. *EID&A (Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação)*, Ilhéus, n. 12, p. 191-233, jul./dez. 2016. Disponível em: <http://periodicos.uesc.br/index.php/eidea/article/view/1328>. Acesso em: 20 jul. 2023.

RINCK, F.; POUVREAU, L. La mise en scène de soi dans un écrit d'initiation à la recherche en didactique du français. *Scripta*, Belo Horizonte, v. 13, n. 24, p. 157-172, 2009.

SANTOS, B. S. *Um discurso sobre as ciências*. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

SÉRIOT, P. Préface. In: VOLOSINOV, V. N. *Marxisme et philosophie du langage*. Limoges, Lambert-Lucas, 2010. p. 13-109.

VINCENT, D.; DUBOIS, S. *Le discours rapporté au quotidien*. Québec: Nuit Blanche, 1997.

VOLD, E. T. *Modalité épistémique et discours scientifique : une étude contrastive des modalisateurs épistémiques dans des articles de recherche français, norvégiens et anglais, en linguistique et médecine*. Thèse pour le degré de philosophiae doctor (PhD), Université de Bergen, 2008.

VOLÓCHINOV, V. *Marxismo e filosofia da linguagem*. Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução, notas e glossário de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2017. Original publicado em 1929.

Anexos

Anexo A

Quadro 2 – Lista dos artigos do *corpus*

Referência	Nº
LOBATO, Anderson Cezar; QUADROS, Ana Luiza de. Como se constitui o discurso de professores iniciantes em sala de aula. <i>Educação e Pesquisa</i> , São Paulo, v. 44, 2017.	E1
LIBÂNIO, José Carlos. Formação de professores e didática para desenvolvimento humano. <i>Educação & Realidade</i> , Porto Alegre, v. 40, n. 2, Apr./June 2015.	E2

CIRANI, Claudia Brito Silva; CAMPANARIO, Milton de Abreu; SILVA, Heloisa Helena Marques da. A evolução do ensino da pós-graduação senso estrito no Brasil: análise exploratória e proposições para pesquisa. <i>Avaliação</i> , Campinas, v. 20, n. 1, mar. 2015.	E3
NOGUEIRA, Marlice de Oliveira e; NOGUEIRA, Maria Alice. Quando os professores escolarizam os filhos na rede pública de ensino: da inevitabilidade à colonização. <i>Educação em Revista</i> , Belo Horizonte, v. 33, 2017.	E4
PONTES, Luís A. F.; SOARES, Tufi Machado. Volatilidade dos resultados de proficiência e seu impacto sobre as metas do IDEB nas escolas públicas de Minas Gerais. <i>Educação em Revista</i> , Belo Horizonte, v. 33, 2017.	E5
LIMA, Priscila da Silva Neves; AMBRÓSIO, Ana Paula Laboissière; FERREIRA, Deller James; BRANCHER, Jacques Duílio. Análise de dados do Enade e Enem: uma revisão sistemática da literatura <i>Avaliação</i> , Campinas, v. 24, n. 1, Mar./May 2019.	E6
SENA, Ligia Moreiras; TESSER, Charles Dalcanale. Violência obstétrica no Brasil e o ciberativismo de mulheres mães: relato de duas experiências. <i>Interface. Comunicação, Saúde, Educação</i> , Botucatu, v. 21, n. 60, jan./mar. 1917.	S1
NETA, Dinah Sá Rezende; SILVA, Ana Roberta Vilarouca da; SILVA, Grazielle Roberta Freitas da. Adesão das pessoas com diabetes <i>mellitus</i> ao autocuidado com os pés. <i>Revista Brasileira de Enfermagem</i> , Brasília, v. 68, n. 1, p. 111-116, jan./fev. 2015.	S2
FERTONANI, Hosanna Patrig; PIRES, Denise Elvira Pires de; BIFF, Daiane; SCHERER, Magda Duarte dos Anjos. Modelo assistencial em Saúde: conceitos e desafios para a atenção básica brasileira. <i>Ciência & Saúde Coletiva</i> , Rio de Janeiro, v. 20, n. 6, jun. 2015.	S3
CAMARGOS, Mirela Castro Santos; GONZAGA, Marcos Roberto. Viver mais e melhor? Estimativas de expectativa de vida saudável para a população brasileira. <i>Cadernos de Saúde Pública</i> , Rio de Janeiro, v. 31, n. 7, jul. 2015.	S4
LEITE, Iuri da Costa; VALENTE, Joaquim Gonçalves; SCHRAMM, Joyce Mendes de Andrade; DAUMAS, Regina Paiva; RODRIGUES, Roberto do Nascimento; SANTOS, Maria de Fátima; OLIVEIRA, Andreia Ferreira de; SILVA, Raulino Sabino da; CAMPOS, Mônica Rodrigues; MOTA, Jurema Corrêa da. Carga de doença no Brasil e suas regiões, 2008. <i>Cadernos de Saúde Pública</i> , Rio de Janeiro, v. 31, n. 7, jul. 2015.	S5
PAIVA, Mariana Mapelli de; TAVARES, Darlene Mara dos Santos. Violência física e psicológica contra idosos: prevalência e fatores associados. <i>Revista Brasileira de Enfermagem</i> , Brasília, v. 68, n. 6, nov./dez. 2015.	S6

Fonte: Dados da pesquisa.

Anexo B

Quadro 3 – Tamanho do *corpus*

	Número de páginas	Número de palavras	Número de caracteres (com espaço)
Educação	110	40.429	270.493

Saúde	51	27.396	175.375
<i>Total</i>	<i>161</i>	<i>67.825</i>	<i>445.868</i>

Fonte: Dados da pesquisa.

Anexo C

Quadro 4 – Número de segmentos segundo a origem

	Autores	Dados	Total
E	329 (67,84%)	156 (32,16%)	485
S	296 (80,87%)	70 (19,13%)	366
Total	625 (128,87%)	226 (26,56%)	851

Fonte: Dados da pesquisa.

Recebido em 25 de julho de 2023

Aceito em 03 de outubro de 2023